



UMA AVENTURA OLÍMPICA: NOVAS MODALIDADES, NOVOS DESAFIOS

Resumo - Em 1894, antes mesmo da realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, o Barão Pierre de Coubertin já demonstrava que o Olimpismo e a aventura poderiam caminhar juntos desde seu início, como podemos ver nas tentativas de realização de provas de “melhor caçada”, melhor escalada” e uma premiação na categoria “aviação”. Demorou por volta de um século para que as modalidades esportivas “de aventura” pudessem de fato ter seu espaço no programa olímpico, iniciando-se pela tímida aparição isolada da canoagem slalom em 1972 e culminando agora com a aparição da escalada, surf e skate nos Jogos de Tóquio, em 2020. Se por um lado se torna fundamental o entendimento do contexto sociocultural que fundamenta e legitima a resignificação do programa olímpico nesta direção, por outro, temos que nos perguntar se, devido as peculiaridades destas modalidades, se elas estarão dispostas a colaborar com as intenções do COI. Durante a realização do IX Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura em 2016, foi bastante debatido pelos palestrantes até que ponto valeria a pena a “esportivização” destas práticas, que as fariam perder sua essência em detrimento da manifestação tradicional do esporte. E de fato, dos 64 trabalhos recebidos e apresentados em pôsteres ou comunicações orais, nenhum se dedicou a estudar este assunto, mesmo sendo a temática central do congresso. Coincidência ou falta de interesse? Falta de interesse ou irrelevância? Irrelevância ou incompatibilidade? Ainda não temos a resposta para estas perguntas, mas me parece que dentro do maior desafio do COI de resgatar níveis altos de audiência e de tornar os Jogos mais atrativos para o público jovem, existe ainda um desafio muito maior que precisará ser travado dentro de suas próprias estruturas que podem alterar a forma como o próprio fenômeno esportivo é visto.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos, Aventura, Olimpismo.

AN OLYMPIC ADVENTURE: NEW MODALITIES, NEW CHALLENGES

Abstract - In 1894, even before the first edition of the Olympic Games of the modern era, Baron Pierre de Coubertin already demonstrated that Olympism and adventure could go together from the beginning, as we can see in the attempts to carry out "best hunting" "Best climbing" and an award in the "aviation" category. It took about a century for the adventure sports to have their place in the Olympic program, starting with the timid isolated appearance of slalom canoeing in 1972 and culminating now with the emergence of climbing, surfing and skateboarding in the games of Tokio in 2020. If on the one hand the understanding of the socio-cultural context that underlies and legitimizes the reframing of the Olympic program in this direction becomes fundamental, on the other hand, we have to ask ourselves if, due to the peculiarities of these modalities, if they are willing to cooperate with the intentions of the IOC. During the celebration of the IX Brazilian Congress of Adventure Activity in 2016, the speakers were highly debated to what extent it would be worth the "sportification" of these sports, which would make them lose their essence to the detriment of the traditional manifestation of the sport. In fact, none of the 64 papers received and presented in posters or oral communications were devoted to studying this subject, even though it was the central theme of the congress. Coincidence or lack of interest? Lack of interest or irrelevance? Irrelevance or incompatibility? We still do not have the answer to these questions, but it seems to me that within the IOC's greater challenge of rescuing high audience levels and making the Games more attractive to young audiences, there is still a much greater challenge that needs to be structures that can alter the way the sport phenomenon itself is seen.

Keywords: Olympics, Adventure, Olympism.

UNA AVENTURA OLIMPICA: NUEVAS MODALIDADES, NUEVOS DESAFÍOS

Resumen - En 1894, antes de la realización de la primera edición de los Juegos Olímpicos de la era moderna, el Barón Pierre de Coubertin ya demostraba que el olimpismo y la aventura podrían caminar juntos desde su inicio, como podemos ver en los intentos de realización de pruebas de "mejor cacería ", Mejor escalada" y una premiación en la categoría de aviación. Se tardó alrededor de un siglo para que las modalidades deportivas "de aventura" pudiesen de hecho tener su espacio en el programa olímpico, iniciándose por la tímida aparición aislada del canotaje slalom en 1972 y culminando ahora con la aparición de la escalada, surf y skate en los Juegos de Tokio en 2020. Si por un lado se vuelve fundamental el entendimiento del contexto sociocultural que fundamenta y legitima la resignificación del programa olímpico en esta dirección, por otro, tenemos que preguntarse si, debido a las peculiaridades de estas modalidades, si ellas estarán dispuestas a colaborar con las intenciones del COI. Durante la realización del IX Congreso Brasileño de Actividad de Aventura en 2016, fue bastante debatido por los ponentes hasta qué punto valdría la pena la "deportividad" de estas prácticas, que las harían perder su esencia en detrimento de la manifestación tradicional del deporte. Y, de hecho, de los 64 trabajos recibidos y presentados en carteles o comunicaciones orales, ninguno se dedicó a estudiar este asunto, aun siendo la temática central del congreso. ¿Coincidencia o falta de interés? ¿Falta de interés o irrelevancia? ¿Irrelevancia o incompatibilidad? Todavía no tenemos la respuesta a estas preguntas, pero me parece que dentro del mayor desafío del COI de rescatar altos niveles de audiencia y de hacer los Juegos más atractivos para el público joven, todavía hay un desafío mucho mayor que tendrá que ser bloqueado dentro de las propias estructuras que pueden alterar la forma en que se ve el propio fenómeno deportivo.

Palabras-clave: Juegos Olímpicos, Aventura, Olimpismo.

*Raoni Perrucci Toledo
Machado*

*Departamento de
Educação Física*

*UFLA – Universidade
Federal de Lavras*

raoni@def.ufla.br

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v1n3.id30](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n3.id30)*

Introdução

Em agosto de 2016, durante a 129ª sessão do Comitê Olímpico Internacional realizada no Rio de Janeiro, poucos dias antes do início dos Jogos Olímpicos, o mundo esportivo foi surpreendido com a notícia da inclusão de cinco novas modalidades no programa olímpico já para os Jogos de Tóquio, em 2020*. Além do Basebol/Softbol e Karatê, que possuem uma estreita ligação com o país sede, o skate, o surf e a escalada esportiva também conquistaram seu espaço.

Estas três últimas modalidades citadas, apesar de não serem novas, trazem com elas uma perspectiva diferente de se olhar o fenômeno esportivo, sinalizando um importante momento de transição sem precedente na moderna história olímpica. Ou seja, as modalidades tradicionais parecem que já não conseguem ocupar o mesmo espaço que ocupavam na mídia, e nem atraem a mesma atenção que atraíam para o público jovem.

A consolidação deste momento de transformação do programa Olímpico veio um ano após, em agosto de 2017, durante a reunião da comissão executiva do Comitê Olímpico Internacional (COI). Na oportunidade, além de serem revisadas todas as provas de todas as modalidades com o intuito de tentar equiparar o número de medalhas disponíveis para homens e mulheres, foi a vez do BMX Freestyle Park ser incluído, juntamente com o basquete 3x3.

Um dos principais objetivos da citada reunião era de definir o programa dos Jogos de Tóquio, e de acordo com a própria notícia divulgada pelo site do COI:

Tokyo 2020 event programme to see major boost for female participation, youth and urban appeal: The Executive Board of the International Olympic Committee today approved the event programme for the Olympic Games Tokyo 2020. The decision marks a key milestone in the evolution of the Olympic programme by introducing youth and urban innovations, significantly improving gender equality, and reducing the overall number of athletes hence reducing the games' footprint.†

* <https://www.olympic.org/news/ioc-approves-five-new-sports-for-olympic-games-tokyo-2020>.

† Programa do evento de Tóquio 2020 verá maior impulso para a participação feminina, para a juventude e o apelo urbano: o Conselho Executivo do Comitê Olímpico Internacional aprovou hoje o programa de eventos para os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. A decisão marca um marco fundamental na evolução do programa olímpico através da introdução de inovações juvenis e urbanas, melhorando significativamente a igualdade de gênero e reduzindo o número total de atletas, reduzindo assim a pegada

A proposta era então, ainda de acordo com a nota acima, de transformar o programa olímpico, buscando inovações focadas na juventude e em um maior apelo urbano, reutilizando instalações já existentes, trazendo um formato mais dinâmico e competições mais excitantes.

Bom, desde que Thomas Arnold instituiu as primeiras regras, e o Barão Pierre de Coubertin o transformou em um evento mundial, o fenômeno esportivo vem sofrendo sucessivas transformações ao longo do tempo. Mas será que essas transformações são de fato de dentro do esporte?

Machado¹ (p. 10) diz que

Independentemente de qualquer período histórico, as características fundamentais do esporte são as mesmas, por mais distintas que sejam as manifestações socioculturais de seu tempo. Ele não faz parte de um tempo histórico, mas sim da multiplicidade das histórias regionais, de forma que a transição dos valores esportivos está muito mais associada à forma como a sociedade vê o mundo do que com as próprias mudanças de suas características.

A atemporalidade de suas características fundamentais não significa o acompanhamento da sociedade a sua volta. E talvez esse tenha sido o maior erro de Coubertin, o amadorismo idealizado por ele encontrava eco nas discussões filosóficas de dois mil anos antes, e a tensão para que isso se mantivesse da forma proposta, acabou prendendo o movimento olímpico em um tradicionalismo criado por suas próprias estruturas. Ou seja, o que os gregos viviam na antiguidade, não dava para ser aplicado à sociedade moderna.

Contudo, fazer renascer os Jogos tais como os gregos os viam não era o único objetivo de Coubertin, mas sim de criar um sistema institucionalizado que envolveria atitudes morais dos indivíduos e por consequência, de toda a humanidade², tais quais podemos ver através dos princípios fundamentais do Olimpismo presentes logo no início da Carta Olímpica³.

dos jogos. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/tokyo-2020-event-programme-to-see-major-boost-for-female-participation-youth-and-urban-appeal>. Acesso em 11/08/2017.

E se por um lado o tradicionalismo inicial foi prejudicial para o acompanhamento das transformações sociais, foi justamente através desta perspectiva educativa proposta pelos gregos da antiguidade que o Olimpismo pode sobreviver, sendo dessa forma remodelado e se adequando as características de seu novo tempo.

A aventura Olímpica

Apesar de já em 1894, antes mesmo da realização da primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna, o Barão Pierre de Coubertin, idealizador de sua recriação, já demonstrar que o Olimpismo e a aventura poderiam caminhar juntos desde seu início, como podemos ver nas tentativas de realização de provas de “melhor caçada”, “melhor escalada”, e uma premiação na categoria “aviação”², demorou quase que um século para que essa aproximação se desse de maneira decisiva.

E essa aproximação não se deu sem motivos. Jorge Bento⁴ (p. 116) diz que “o esporte é parte integrante da sociedade e por isso, subordinado a um sistema de normas e valores nela predominante, ou seja, aparentemente não há valores específicos do desporto diferente dos vigentes no contexto social”. A afirmação de Bento, corroborando a anteriormente citada por Machado, apontam para o delineamento da nossa pesquisa, buscando pela zona de intersecção entre os valores sociais e da prática esportiva.

Desta forma, torna-se importante a realização de uma breve contextualização histórica para entendermos os fundamentos e bases ideológicas das práticas esportivas “de aventura”.

Em 1962 foi lançado nos Estados Unidos o livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson⁵, que é considerada a obra que fundamenta o movimento ambientalista moderno, sendo uma das produções culturais mais importantes do nosso tempo⁶. De certa forma, foi após a sua publicação que o mundo abriu os olhos para o impacto ambiental que o ser humano estava causando, e passou-se a medir as suas consequências.

Dez anos se passaram até que em 1972, em Estocolmo, foi realizada a “Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano”, procurando dar amplitude global ao movimento iniciado após a publicação do livro, mas foi somente em 1992 no Rio de Janeiro, com a realização da “Conferência das Nações Unidas sobre

Meio Ambiente e Desenvolvimento” que o assunto se consolidou, ganhando a importância e destaque necessário para que causasse de fato outro impacto na sociedade⁷.

A realização dos Jogos Olímpicos de Inverno em Albertville em 1992 coincidiu com esse movimento, pois ao mesmo tempo em que o mundo discutia o impacto do ser humano no planeta, e trazendo o conceito de sustentabilidade à tona, os Jogos foram alvos de muitas críticas internacionais justamente em virtude do grande impacto ambiental que ele causou, fazendo inclusive, com que o parlamento europeu se posicionasse a respeito, exigindo ações do Comitê Olímpico Internacional em relação a isso, e que fossem realizados planejamentos futuros para que os eventos ocorridos na Suíça não voltassem a acontecer⁸. A resposta, segundo Da Costa⁷, veio dois anos depois, nos Jogos Olímpicos de Inverno de Lillehammer, podendo ser considerados como os primeiros “Jogos verdes” da história olímpica moderna, e a partir de então, todas as escolhas para a realização de qualquer edição dos Jogos, inverno ou verão, passaram a ter a dimensão ambiental como tema de análise.

A partir desta nova perspectiva, modalidades esportivas que vinham se desenvolvendo desde meados da década de 70, e que acabavam sendo marginalizadas muito por conta das suas características que as diferenciavam das práticas mais tradicionais, foram então ganhando mais atenção da mídia e do público geral, pois traziam junto com elas, os novos valores que a sociedade pedia, muito embora não fossem assim tão novos para elas.

Apesar de não ser objetivo deste trabalho realizar um aprofundamento nas características do movimento contra cultural originado durante o período acima mencionado, é necessário trazer a contextualização proposta por Thorpe⁹, ao dizer que durante a Segunda Guerra Mundial, a maior parte das pessoas acima dos dezesseis anos eram considerados adultos ou trabalhadores em tempo integral, e que depois, uma série de fatores os transformaram em uma nova categoria, os adolescentes. Pouco mais de uma década depois do fim da grande guerra, em um período onde o mundo vivia a tensão da guerra fria, começou a aparecer um movimento chamado de “contracultura”, e dentro dele, começaram a aparecer as modalidades de prancha, surgindo como um enfrentamento anticompetitivo, se diferenciando do modelo esportivo tradicional, pregando a alegria, a liberdade, o individualismo e ao mesmo tempo a cooperação.

Indo na mesma direção, Rédei¹⁰ diz que os esportes “extremos” promoveriam uma forma de “escape” da sociedade, caracterizada pela rotina, monotonia e alienação. Eles fariam com que o indivíduo sentisse que estariam reconquistando o controle da situação, que se associaria ao sentimento de eficiência e poder, dentro de uma atividade de performance esportiva. Essa situação pode ser considerada verdadeira, mesmo naquelas situações do ecoturismo, tão presente na atualidade, nas quais Humberstone¹¹ descreve o turista como um mero “passageiro” das aventuras realizadas pelo seu guia, dado que estas possuem pouca ou nenhuma habilidade para ter acesso a elas por si próprios.

Como consequência deste movimento, e das características de nossa sociedade, de forma inevitável apareceu a mídia “vendendo” a natureza como algo moderno e, por conseguinte, atribuindo este status a quem dela se utiliza, seja para comprar um carro, um produto, ou mesmo para realizar alguma atividade física¹².

Um ótimo exemplo do apelo midiático e da exposição destes valores vieram com a idealização e realização dos “The Extreme Games” em 1995. O que inicialmente foi visto como uma oportunidade mercadológica, dado que é um evento pertencente a rede de televisão norte-americana ESPN, os “X-Games” como ficaram conhecidos, logo se tornaram “as olimpíadas dos esportes radicais”, e através da sua dinâmica e liberdade para transformações e constante ressignificações, acabaram por melhor se adaptar as novas tendências da prática esportiva. De acordo com as palavras de Constantino¹³ (p. 119): “a um corpo a quem eram solicitadas despesas essencialmente energéticas para a obtenção de objetivos que lhe eram exteriores, surgiram modalidades onde o corpo é meio e fim, de movimentos de prazer sensorio-motriz”. Diferentemente das modalidades esportivas tradicionais, os esportes de aventura não possuem limitação de tempo e espaço e os praticantes podem se confrontar com eles próprios em busca de superar limites impostos pela natureza, ou intrínsecos a eles mesmos¹⁴. Esta nova faceta do fenômeno esportivo foi abrindo espaço para experimentações, e porque não, para ir delineando o imaginário de jovens praticantes e até mesmo dos fãs para esta nova perspectiva e novas possibilidades que não estão engessadas pelo crivo das regras institucionalizadas.

O Movimento Olímpico até ensaiou um primeiro passo de aproximação para essa abertura, ao permitir que se incluísse, de maneira tímida e isolada, a canoagem

slalom nos Jogos de Munique em 1972 (que só retornaria com mais força e de maneira definitiva em Barcelona'92), e até mesmo considerando a inserção do surf em Los Angeles, nos Jogos Olímpicos de 1984, porém com menos impacto camuflando-o na forma Windsurfe (ainda não era a categoria RS: X, mas à época, de acordo com Thorpe e Wheaton¹⁵, era uma das modalidades que mais cresciam na Europa).

Porém, dado a transformação do contexto cultural em que a sociedade estava se inserindo, e o reflexo que isso já estava causando para a realização dos Jogos, o Comitê Olímpico Internacional não pode desconsiderar estes fatores e iniciou uma mudança nas características do programa Olímpico. De início veio o esqui de estilo livre, que passou a fazer parte dos Jogos de Inverno, estreando em Albertville – 1992, e no ano de 1998[‡] em Nagano o Snowboard ganha seu espaço e marca de maneira bastante sólida esta nova proposta do fenômeno esportivo.

De acordo com Machado¹⁴ (p. 69): “a inserção destas modalidades trouxe maior imprevisibilidade no resultado de muitas provas, assim como estimulou a imaginação pelo risco nos espectadores, o que despertou bastante interesse, melhorando os níveis de audiência”. O resultado foi bastante promissor, e em Atlanta'96 o Mountain Bike e a Canoagem Slalon foram inseridas como modalidades oficiais, e o BMX apareceu valendo medalha somente a partir de 2008, culminando agora com a aparição da escalada esportiva, surf, skate e BMX de estilo livre nos Jogos de Tóquio, em 2020. Nesse meio tempo, muitas outras modalidades foram aparecendo, ganhando importância, se consolidando e abrindo espaços para mais outras.

Podemos citar como exemplos o kitesurf e o high-diving como modalidades que vem ganhando cada vez mais público e audiência da grande mídia, assim como mais espaço entre os praticantes, que trazem uma proposta de prática esportiva ressignificada, alinhadas com as novas tendências da pós-modernidade. Não foi de forma despretensiosa que a Federação Internacional de Natação (FINA) fez a proposta de inclusão do High-diving já para 2020[§] (apesar de ter sido considerada, foi recomendado, dado o ainda pequeno número de atletas competidores, que se espere mais quatro anos para nova análise). Se nos Jogos de verão essas novas tendências demoraram um pouco

[‡] Até 1992 os Jogos Olímpicos de Inverno eram disputados no mesmo ano que sua versão de verão. A partir desta edição, passaram a ser realizados de forma intercalada a cada dois anos. Para tanto, foi realizada uma nova edição dos Jogos de Inverno em 1994, retornando sua periodicidade quadrienal a partir de 1998.

[§] <https://www.swimmingworldmagazine.com/news/253987-2/>

a se consolidarem, nos Jogos de inverno isso já pode ser visto com a inserção do snowboard-cross em Turim (2006) e com mais ênfase com a adoção da prova de slopestyle para os jogos de Sochi em 2014. À época, o então presidente do COI, Jacques Rogge, disse

we are very pleased with the addition of ski and snowboard slopestyle (...) in the Olympic Winter Games program. Such events provide great entertainment for the spectators and add further youthful appeal to our already action-packed line-up of Olympic winter sports^{**}

E de fato a dinâmica do Slopestyle possui um potencial para que seus praticantes olhem para o ambiente em que estão inseridos sob uma perspectiva diferente, sendo obrigados a explorá-lo e ressignificá-lo a partir do seu tempo e espaço comum, criando uma possibilidade para se atribuir e ampliar os significados que por muitas vezes passam despercebidos, revelando-se como um importante elemento educativo. Para Certeau¹⁶, essa tomada de consciência sobre estes locais e o estabelecimento de relações, faz com que os praticantes entendam os lugares a que pertencem, ou mesmo os que utilizam para as práticas da modalidade, e o compreendam como parte integrante de um organismo, possuindo reflexos de ações locais se interagindo de diversas maneiras.

Tomando como base o relatório anual do COI de 2016, podemos observar que o principal argumento em relação as inclusões das novas modalidades estão relacionadas a essa tendência de urbanização das práticas esportivas, o que inclui a inserção do basquete 3x3, e a inclusão da dança esportiva para os Jogos Olímpicos da Juventude¹⁷.

Para reforçar estas ações, em 2020, pela primeira vez, as pessoas que forem prestigiar o evento in loco, poderão utilizar das mesmas instalações que os atletas utilizarão durante a realização dos Jogos. Estarão abertas ao público, a princípio, os locais de realização do skate, BMX Freestyle e escalada esportiva.^{††}

^{**} Estamos muito satisfeito com a inclusão do Esqui e do Snowboard Slopestyle no programa dos Jogos Olímpicos de inverno. Estes eventos oferecem grande entretenimento para os espectadores e aumenta ainda mais o apelo jovem a nossa já consolidada linha de ação aos esportes Olímpicos de inverno. Disponível em http://www.gamesbids.com/eng/other_news/1216135778.html, acesso em 25/05/2014.

^{††} <http://www.japantimes.co.jp/news/2017/07/04/national/ioc-exec-praises-public-use-tokyo-olympic-venues-games-underway/#.WY2q0ITysdV>

A aventura Olímpica?

Se por um lado se torna fundamental o entendimento do contexto sociocultural que fundamenta e legitima a ressignificação do programa olímpico nesta direção, por outro, temos que nos perguntar se, devido as peculiaridades destas modalidades, e também ao contexto sociocultural que elas surgiram e se consolidaram, se elas estarão dispostas a colaborar com as intenções do COI.

O estudo de Thorpe e Wheaton¹⁴ buscou fazer a análise deste movimento de aproximação, com três modalidades esportivas que já fazem parte do programa olímpico (windsurf, snowboard e BMX), e que já passaram pelo momento de contestação e aceitação, o que permite realizar uma boa análise em perspectiva. E de maneira geral, trouxeram elementos que corroboram a existência da tensão entre as ainda presente características de contracultura destas modalidades e sua adoção pelo modelo tradicional. O estilo dos primeiros atletas de windsurf não agradou os velejadores, e a inclusão do snowboard gerou desgosto entre os próprios praticantes, tendo inclusive boicotes de alguns atletas em suas primeiras provas.

No mesmo estudo, tanto o skate quanto o BMX Freestyle já vinham sendo considerados como possíveis modalidades olímpicas. Contudo os autores trazem depoimentos de skatistas dizendo que o “espírito” do skate não tem nada a ver com o conservadorismo olímpico, e da mesma forma, encontrou grande resistência dentro dos próprios atletas do BMX, com um deles dizendo que: “We created BMX freestyle to do our own thing, express our own definition of sport, and to have the freedom to express this how we please; not to have our opinions sanctioned by a higher power” (p. 841).^{‡‡}

Da mesma forma, durante uma entrevista realizada com uma atleta eslovaca de esqui downhill, quando perguntei sobre o snowboard, ela respondeu com desaprovação, falando que se sente envergonhada quando compartilham da mesma instalação ao mesmo tempo, dizendo que eles não se parecem com atletas de verdade.

E de fato, se realizarmos uma análise mesmo que superficial nas fotos divulgadas pelo COI em seu site^{§§}, notaremos a grande diferença que existem nos

^{‡‡} Nós criamos o BMX e estilo livre para fazer nossas próprias coisas, para expressar nossa própria definição de esporte, e para ter liberdade para isso como quisermos, e não para ter nossas opiniões sancionadas por um poder superior.

^{§§} <https://www.olympic.org/photos>

uniformes e nas aparências entre os esquiadores e os atletas de snowboard, e mesmo entre os esquiadores de velocidade e os de estilo livre.

Para um futuro próximo, temos além do já citado kitesurf, possibilidades de inclusão do Stand-up Paddle e do Parkour (ou free-running)^{***}. As duas primeiras, são provas que já fazem parte de uma modalidade olímpica, quer seja dentro das provas de iatismo se for feita na forma de regata, quer seja dentro das de onda, se for junto com o surf. Mas o mesmo não acontece com o parkour. Ou pelo menos não acontecia. Como nos mostra Vecchioli¹⁸.

O Conselho da Federação Internacional de Ginástica (FIG) aprovou que uma modalidade “parecida” com o parkour se una às ginásticas rítmica, artística, de trampolim e aeróbica dentro do seu guarda-chuva. O nome dessa nova modalidade, porém, ainda não foi definido. Em teoria, não pode ser “parkour”, porque este não se reconhece como esporte.

Existe dentro mesmo da comunidade dos praticantes de parkour três movimentos, um de não competição, e outro de competição. Dentro deste último, existem aqueles que defendem a inclusão olímpica, e os que são contrários a isso^{†††}. Mas de certa forma, me parece que essa aproximação será inevitável, pois já está acontecendo na prática, como pudemos ver em praticamente toda a parte artística da abertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Inevitavelmente, o parkour representa a síntese da atual característica esportiva. Ele traz a liberdade de movimentos, traz a liberdade das regras, é bastante popular entre os jovens e é realizado predominantemente, se não, com quase exclusividade, dentro do ambiente urbano. Assim como mencionei em outro trabalho a aproximação do slopestyle pelo Movimento Olímpico¹⁴, podemos agora, da mesma forma, perceber não a adoção do parkour, mas um apelo para que ele possa estar presente na grande festa olímpica.

Os Jogos Olímpicos trazem grandes legados para os locais que os sediam, mas no momento, são eles quem estão mais preocupados com os legados que a sociedade produziu, pois sem eles, a tendência é que se enfraqueçam cada vez mais.

^{***} <http://www.waikato.ac.nz/wmier/news-events/agenda-2020-And-action-sport-in-the-olympic-games>

^{†††} <http://nzparkour.co.nz/parkour-in-the-olympics-lessons-from-agenda-2020-action-sport-symposium/>

Considerações finais

Durante a realização do IX Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura em outubro de 2016 na Universidade Federal de Lavras, com a temática central emprestando seu nome a este texto, foi bastante debatido pelos palestrantes e congressistas até que ponto valeria a pena a “esportivização” destas práticas, que as fariam perder sua essência em detrimento da manifestação tradicional do esporte. E de fato, ilustrando, ou mesmo refletindo a essência deste debate, dos 64 trabalhos recebidos e apresentados em pôsteres ou comunicações orais, nenhum se dedicou a estudar este assunto, mesmo sendo a temática central do congresso.

Coincidência ou falta de interesse?

Falta de interesse ou irrelevância?

Irrelevância ou incompatibilidade?

Ainda não temos a resposta para estas perguntas, mais estudos precisam ser feitos nesta direção. Mas me parece que dentro do maior desafio do COI de resgatar níveis altos de audiência e de tornar os Jogos mais atrativos para o público jovem, existe ainda um desafio muito maior que precisará ser travado dentro de suas próprias estruturas que podem alterar a forma como o próprio fenômeno esportivo é visto.

Estarão dispostos?

Referências

- 1 Machado RPT. Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga. São Paulo. Dissertação [Mestrado em Educação Física] – Escola de Educação Física e Esporte (USP); 2006.
- 2 International Olympic Committee (IOC). Pierre de Coubertin - Olympism: selected writings. International Olympic Committee, Lausanne; 2000.
- 3 Comitê Olímpico Internacional. Carta Olímpica. Lisboa, Comitê Olímpico de Portugal; 2010.
- 4 Bento JO. Desporto: Discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física; 2013.
- 5 Carson R. Primavera silenciosa. São Paulo: Melhoramentos; 1969.
- 6 Bonzi RC. Meio século de Primavera Silenciosa: um livro que mudou o mundo. *Desenvolvimento e meio ambiente* 2013; 28: 207-215.
- 7 Da Costa LP. Desporto e natureza: tendências globais e novos significados. Porto: Universidade do Porto; 1997.
- 8 Aragon-Perez A. Origins of the environmental dimension of the Olympic Movement. *Journal of Olympic History* 2017; 25(1): 26-33.

- 9 Thorpe H. Beyond “Decorative Sociology”: Contextualizing female surf, skate and snow boarding. *Sociology of Sport Journal* 2006; 23: 205-228.
- 10 Rédei C. Motivations for participating in lifestyle sports. *Lucrari Stiintifice* [s.d.], 11.
- 11 Humberstone B. Inside/outside the western ‘Bubble’: the nexus of adventure, adventure sports and perception of risk in UK and Mauritius. In: Ormrod J, Wheaton B. *On the Edge: Leisure, consumption and the representation of Adventure Sports*. LSA Publication; 2009.
- 12 De Marco A. *Educação Física: Cultura e Sociedade*. Campinas: Papirus; 2006.
- 13 Constantino JM. Desporto, cidade e natureza: espaço público e cultura ecológica. In: Da Costa LP (Org.). *Meio ambiente e desporto: uma perspectiva internacional*. Porto: Universidade do Porto; 1997.
- 14 Machado RPT. Presente e futuro do Olimpismo: o legado da Geração X. In: Rubio K. *Preservação da memória: a responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Képos; 2014.
- 15 Thorpe H, Wheaton B. ‘Generation X-Games’, action sports and the Olympic Movement: Understanding the cultural politics of incorporation. *Sociology* 2011, 45(5): 830-847.
- 16 Certeau M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes; 1994.
- 17 International Olympic Committee (IOC). *IOC annual report 2016: Credibility, Sustainability and youth*. Lausanne: International Olympic Committee; 2016. [Acesso em 11 ago 2017]. Disponível em: <https://www.olympic.org/documents/ioc-annual-report>
- 18 Vecchioli D. Por Olimpíada e sem nome, parkour agora é uma modalidade da ginástica. [Acesso em 11 ago 2017]. Disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/05/11/por-olimpiada-e-sem-nome-parkour-agora-e-uma-modalidade-da-ginastica/>.